



A função dos arquivos

Luiz da Câmara Cascudo



Nós somos realmente o diário e o comum.
A História da rotina. E um arquivo é o convite
insistente e mudo a uma tarefa de fixar e
defender esse comum e esse banal

Para um homem que envelheceu ensinando História num ginásio de província, que continua enamorado dos livros, emoldurando com eles todos os seus sonhos, que nas viagens dedica parte maior de sua afetuosa curiosidade aos testemunhos imóveis da História, na horizontalidade das vias militares calcadas pelas calígulas romanas, nos verticais dos castelos, mosteiros e alcaidarias, nenhum outro ambiente teria encanto e maior sedução que este, ambiente de arquivo, as muralhas de cartapácios, as pilhas de papéis, guardando segredos, o silêncio clássico, vivo na luz tamizada e doce, permitindo ler e construir, devagar os edifícios do passado tão irreais quanto os do futuro...

Aqui é realmente casa da História, solar do seu nascimento, nascente de suas águas que vamos encontrar lá fora, diversas e coloridas, na química das convenções e das simpatias. Aqui, nas cabeceiras, são elas silenciosas em força serena, manando dos atos formadores dos primeiros fios convergentes, explicação da futura torrente...

Dá vontade interromper a tranquilidade e conversar, num tom claro e baixo, de lento passeio nos braços acolhedores do claustro. Uma conversa sobre o conceito de História e a função do documento para evocá-la, determiná-la ou modificá-la. Começamos lembrando a definição da História, definição da nossa escola antiga e que prolonga, duramente, seu prestígio, na memória de milhões de homens sisudos.

História é o registo cronológico dos factos memoráveis... Dos factos memoráveis apenas. Um facto memorável como pode ser fixado? Naturalmen-

História é o registo cronológico dos factos memoráveis... Dos factos memoráveis apenas. Um facto memorável como pode ser fixado? Naturalmente pelo consenso dos homens que o motivaram

te pelo consenso dos homens que o motivaram. Mesmo negando a imortalidade divina, amamos emprestar os halos da perpetuidade aos nossos atos. Decretamos a vitaliciedade da admiração futuro aos mesmos assuntos que admiramos agora. Escolhemos um homem, uma doutrina, um livro, um poema, uma estátua, um vício, uma idiosincrasia e declaramos sua inarredável eternidade no tempo. Falemos como outrora: nas páginas da História...

Certamente, para a compreensão haverá o veículo indispensável da mentalidade receptora. Compreendemos mesmo sem admirar, mas só admiramos o que existe em nós num estado potencial. Aquilo que amaríamos fazer ou ser responsável por sua realização. Os nossos ídolos parecem estranhamente com a nossa men-

talidade. E como na convergência misteriosa da atração psicológica, os elementos aproximativos são mais os vícios gostosos do que as virtudes difíceis, muito do nosso ideário é uma sublimação do vício simples e primário, no plano delo divino, promoção nominal como as crianças elevam os sabugos de milho aos grãos de rei, capitão, soldados, ladrão, como na cantiga infantil. Não podemos admirar os modelos demasiados altos, muito distantes de nossa precariedade. O demônio Renan ensinava: *Il ne faut pas être trop parfait*. A perfeição é um elemento desaproximador para os subalternos. Por isso Ulisses deixou Calipso e partiu, mar em fora, “para as delícias das cousas imperfeitas”.

O fato memorável é um saldo das nossas imperfeições sublimadas, dos nossos sonhos positivados no plano superior da materialização. Cada herói é um resumo do seu tempo, do seu mundo, de sua civilização, um índice positivo do esforço orgulhoso da maioria que ele simboliza e eleva *ad immortalitatem*...

Não é concepção pessimista de História, mas a humanização do herói como uma expressão formal do sonho desconforme e coletivo. Nós não suportaríamos uma continuidade de Sócrates, normal na Grécia, como os gregos não compreenderiam jamais a situação do mundo atual, o estado perene de guerra em salvaguarda da pacificação universal.

A História será, logicamente, duas. Uma para cada lado, mas haverá o

vértice do ângulo, com sua veracidade rutilante, oculta um momento, evidente depois, irresponsável, a legítima voz da História.

Nós sentimos o nosso mundo e a nossa civilização e estamos solidários com ele ou o combatemos, mas não o abandonamos. Nem deixaremos muitos dos elementos que reputamos substituíveis. Vamos apenas aproveitando os materiais das casas desmornadas e erguendo outras, afirmando sua superioridade em face das ruínas que foram orgulho de outras mãos e feitas com outras pedras perdidas de uma catástrofe anterior.

Vamos vendo nossa civilização, nossa História no seu aspecto exterior e brilhante, no seu exterior publicitário, propagado pelo devotamento dos fiéis,

Assim desfila e lenta procissão com suas cores, suas luzes, seu movimento, seu esplendor. Assim, entra na História e vai ficando, desfilando sempre, como Heródoto conta a marcha dos persas ou os desenhos de Karnac narram as vitórias do faraó, hierárquico, no cimo do seu carro de bronze, o escorpião de ouro tremendo na altura da testa, guiando a guerra para o mundo. Há, porém, aquilo que o velho Procópio, secretário do imperador Justiniano, dizia ser “os secretos motivos da ação”. Esses desfiles, corerías, vitórias, sucessos, cataclismos, são as formas da ação viva, mas há um motivo secreto, a raiz obscura e negra, no escuro da terra, sustentando a árvore, explicando-a. A forma real,

heroicamente humana, de sentirmos e vivermos a História é procurar a normalidade da ação, isto é, a ação em germe, não a tempestade estalando no ar como um castigo mas acompanhar a evaporação, a formação invisível do fenômeno, a condensação vagarosa dos elementos que deflagrarão a rutilância cegante do meteoro.

Todos os atos vão deixando vestígios, como pegadas na areia da praia deserta. O ato histórico em si mesmo, no momento de sua eclosão, é um resultado, uma soma de fatores multiplicados e confusos, cachoeira cujas águas vieram rolando e cantando de mil riachos inominados.

A nossa aclamação é quase sempre uma coincidência de sentimentos. O homem representativo é o espelho que demora a imagem fixada. Junto a esse inconsciente e naturalíssimo narcisismo, há a História que os delfins receberam e nela acreditaram como a um quinto evangelho.

Mudamos o nome do criador na obra criada. Mudamos por outro que representa para nós a maior consequência psicológica no momento. Esta placa será mudada por outra e esta não demorará. Cada tempo terá o criador momentâneo, o Júpiter efêmero. Apenas a obra esconde o verdadeiro nome e um dia mostrá-lo-á. Recordam-se da história do farol de Alexandria? Muitos séculos foi uma das sete maravilhas do mundo. Figurou em mármore, em moedas, em versos. Já não existe e sua citação tem qualquer coisa de cômica, de retarda-

mento saudosista, como alguém que nos convidasse a chorar pela morte de Elvira, a morta virgem, ou declamar o “Noivado no sepulcro”.

O primeiro Ptolomeu mandou construir o farol por Sóstrato. Aqui, permitam-me evocar outro velho nome, mais novo, bem sábio e poderoso, mas já não lido na geração brasileira atual. No meu tempo era o último grego, um grego de Péricles, divino, sabedor da ciência do bem dizer, José Enrique Codó:

El primero y más grande de los Tolomeos “se propuso levantar, en la isla que tiene a su frente Alejandria, alta y soberbia torre, sobre la que una hoguera siempre viva fuese señal que orintara al navegante y simbolizase la luz que irradiaba de la ilustre ciudad. Escogió blanco mármol; trazó en su mente el modelo simple, severo y majestuoso. Sobre la roca más alta de la isla echó las bases de la fábrica, y el mármol fué lanzado al cielo mientras el corazón de Sóstrato subía de entusiasmo traz él. Columbrada allá arriba, en el vértice que idealmente anticipada, la gloria. Cada piedra, un anhelo; cada forma rematada, un deliquio. Cuando el vértice estuvo, el artista, contemplando en éxtasis su obra, pensó que habia nascido para hacerla. Lo que con genial atrevimiento habia creado, era el Faro de Alexandria que la antigüidad contó entre las sietes maravilhas del mundo. Tolomeo, después de admirar la obra del artista, observó que faltaba al monumento

un último toque, y consistia en que su nombre de rey fuera esculpido, como sello que apropiase el honor de la idea, en encumbradora y bien visible lápida. Entonces, Sóstrato, forzado a obedecer, pero celoso en su amor por el prodigio de su genio, ideó el modo de que en la posteridad, que concede la gloria, fuera su nombre, y no el del rey, el que leyesen las generaciones sobre em mámol eterno. De cal y arena compuso para la lápida de mármol una falsa superficie, y sobre ella extendió la inscripción que recordaba a Tolomeo; pero debajo, en la entraña dura y luciente de la piedra, grabó su próprio nombre. La inscripción, que durante la vida del Mecenas fué engaño de su orgullo, marcó luego las huellas del tiempo destructor; hasta que un dia, con los despojos del mortero, voló hecho polvo vano, el nombre del principe. Rota y aventada la máscara de cal, se descubrió, en lugar del nombre del principe, el de Sóstrato, en gruesos caracteres, abiertos con aquel encarnizamiento que el deseo pone en la realización de lo prohibido. Y la inscripción vindicadora duró cuanto el mismo monumento; firme como la justicia y la verdad; bruñida por la luz de los cielos en su campo eminente; no más sensible que la mirada de los hombres, al viento y a la lhuvia”.

Nessa página do Motivos de Pro-
teu, sem que Rodó sentisse a direção
que levo ao seu pensamento, ressus-
citando das ruínas do farol o nome de
Sóstrato, fez-se o elogio da ação ini-



Câmara Cascudo

cial, dos motivos secretos da ação, da História muda, eterna das raízes, razões da árvore e da floresta.

É o elogio do Arquivo...

Nos arquivos, a História está justamente em potencial. Aguarda a forma que é a colaboração intencional, individual e dirigida. O documento dará seu recado dentro da maior ou menor honestidade do intérprete. Mas o documento é o nome de Sóstrato, firme no granito, a velocidade inicial, o primeiro passo para o que será desfile, parada, multidão.

Desejava fazer justamente o elogio dessa História normal e diária da administração, um movimento comum e banal de ordens, instruções, notícias, atos justos e injustos, conforme a cor do cristal por onde foram examinados. É uma história como o

simples registro diagramático de um doente ou de alguém que fizesse cura de repouso. Raramente haverá nota de clarim, pincelada vermelha de algum acontecimento vibrante. É o diário, o todo-o-dia, ata diurna, fixando no relógio do tempo os passos do homem ao redor dos interesses.

Esse Arquivo Público Estadual guarda do século XVIII o registo de Bandos e Portarias e o livro de Posse dos Governadores, começando de 1718. Em percentagem maior, correspondência de autoridades eclesiásticas, civis, militares, arsenais de Guerra e da Marinha, provinciais e gerais, depoimentos dos pequeninos acontecimentos que marcam as efemérides burocráticas. Esses registros são os fios formadores da tapeçaria posterior, as figuras heroicas, as

O ato histórico em si mesmo é uma soma de fatores multiplicados e confusos, cachoeira cujas águas vieram rolando e cantando de mil riachos inominados

damas, os preladados com sua murça carmezim, os almirantes, os capitães governadores com sua Cruz de Cristo, os generais com o Cruzeiro, os magistrados com a placa da Rosa Amor e Fidelidade. A História que nos impressionará tece se lentamente com esse material complexo e vago, comum e banal, indispensável e rico.

Essa missão dos arquivos, tão nobre e serenamente valorizada pelo sr. Jordão Emerenciano, é a possibilidade de confirmar ou arrancar da base de mármore dos faróis o nome do rei Ptolomeu. Aqui, na forma rude e nua, a pedra virgem do labor artístico, aguarda seu destino de monumento, exaltador ou fúnebre, mas sempre verídico.

Sua convivência exalta o trabalho dos homens que deram à História o sentido mais humano e mais autên-

tico nos fatos memoráveis. Outra luz, menos ofuscadora e com poder mais vivo de penetração, de ressaltar o pormenor que se torna determinante, surgiu do contato desses velhos cartapácios, da consulta dessas correspondências tediosas.

Não é uma visão de Luiz XIV na Galerie des Glaces, Napoleão nas Tuileries, Luiz XI em Plessis-les-Tours, um Luiz XIV de Rigaud ou um Luiz XV de Vanloo. As pequeninas memórias, a massa dos relatórios dos intendentos, dos recebedores de impostos, as observações, as notas, essas fazem realmente o retrato do rei, um rei sem cabeleira e sem casaca, de seda, sem a corte e sem os chapéus de plumas, sem a orquestra e sem o sermão do bispo capelão. É uma História diversa, esclarecedora e cruel, muito mais compassiva e apiedada, muito mais realística e registradora que todas as comédias de Molière e todos os dramas de Racine e Corneille. Essa é a História dos arquivos, a mão inopinada que repõe no granito reparador o nome dos Sóstrates preteridos pelos Ptolomeus.

Certamente é a História da rotina, do diário e do comum, mas nós somos realmente o diário e o comum, sofrendo, trabalhando dentro desse cenário banal e comum, sem as esperanças da genialidade fulgurante ou dos súbitos estalos anunciadores do talento borbulhante.

Um arquivo é um convite insistente e mudo a uma tarefa de fixar e defender esse *comum* e esse *banal*. Esses vocábulos ambientam um es-

forço coletivo no sentido do trabalho communis, participação de muitos ou de todos. Banal, de bannum, os fornos, lagares, moinhos, postos a serviços dos vassallos do senhor, mediante paga. Eram coisas banais, estavam ao alcance de todos os servos. Na medida que se libertaram da *banalidade* foram pagando mais caro os serviços prestados pela aparelhagem individualista.

Interessa-nos vivamente, a todos nós, a existência humana na sua tragédia quotidiana. A pergunta natural, ante o Passado, não é saber da vitória do rei persa ou assírio, com sua grande barba tecida, passando no trono alto ante os touros alados de Korzabad. Interessa-nos saber como esses homens viviam, amavam, sofriam, suas obrigações e direitos, seus castigos e prêmios, o mecanismo da sua administração, sua guerra contra a fome e as terras secas, a captação dos rios, da água pluvial, cunhagem de moedas, desvalorização, moléstias, tratamentos, morte, como eram tratados os cadáveres...

Essas informações nos aproximam dos homens que foram como somos há tantos séculos. Por isso, os tijolos que contam as histórias pobres de sua humanidade real, insinuam-nos tanto e mais do que a voz reboante das inscrições que guardam a glória das conquistas, os carros de guerra abrindo-se em leque na planície, o rei de arco na mão, abatendo o inimigo, furando-lhe os olhos com sua lança...

Esse homem-diário, assírio, medo-persa, babilônio, grego e romano, liga-se a todos nós numa continuidade emocional, identidade de esforço, de responsabilidade, de medo e de crença.

Um registo, com seus algarismos alucinantes, em que um mestre de obras fixou as pedras entregues aos trabalhadores para a construção de uma catedral gótica, os sinais gravados nessas pedras pelos mestres, marcando a direção das tarefas e deixando um vestígio do seu labor anônimo, trazem uma imagem imediata de humanização, de contemporaneidade, uma sequência nos elos que nos prendem, no tempo, a eles todos dispersos sob a terra do mundo.

A curiosidade nesse sentido humano elevou as ciências pesquisadoras da pré-história, pondo acima dos monumentos ciclópicos os objetos humildes que testificavam o homem de sempre, instrumentos de trabalho, restos de alimentação, bonecas feitas em barro cozido, para as crianças.

Lendo História, estamos habituados com sua pompa, sua nomenclatura, sua consagração. Do século XVI, os mecenas transformaram a cabeça dos memorialistas e a História durante mais de dois séculos; foi um fiel e devota ancila, acompanhando o financiador do cronista. Era uma transfiguração tão ampla e sonora que parecia impossível nascimento de seguidores. Só os arquivos revelaram, depois, mansamente, o herói em casa, sua condição comum, seus

defeitos e seu valor, fazendo-o ainda maior, vencendo-se, determinando fase inteira de ação social pela atração magnética de sua personalidade.

Mas os factos banais e diários fazem a História alta porque elevam igualmente o homem. Dizem como ele era dirigido e dirigia, administrava, sofria e fazia sofrer. Nós vamos ficando mais próximos e julgando-os passíveis de uma admiração contemporânea, despidos como estamos dos eflúvios do prestígio que eles irradiavam, entontecendo, deslumbrando, dissolvendo.

Tive a honra de conhecer no Porto ao professor Eduardo Hernandez-Pacheco. Um velhinho amável e sorridente, com uma linda cabeça branca e uma palavra acolhedora. É um dos maiores arqueólogos da Europa, um mestre na legitimidade do esforço tenaz e da clara e magnífica inteligência, sensível e generosa.

O professor Hernández-Pacheco estava dirigindo escavações na caverna de la Paloma, no vale de Soto de las Regueras, nas Astúrias. Era uma pesquisa no madaleniense superior, suscitando a vida dos nossos antepassados paleolíticos.

Bruscamente deparou um fragmento de costela de animal, de talhe mediano. Com esse pedaço de osso, fizera-se, há cento e vinte séculos, um pequenino silvo, um apito. Limpo o objeto, soprada a extremidade, o som espalhou-se no ar, um som que fora contemporâneo de civilização e raça desaparecidas no tempo. Aquele silvo

agudo emocionou o sábio Hernández-Pacheco e sacudi-o no sonho. E o arqueólogo eminente volta, não a descrever a peça, mas a sentir o símbolo poderoso que aquela presença determinava. E pergunta:

Usaban los cazadores prehistóricos de Asturias este instrumento o, teniendo en cuenta la insignificancia de la pieza arqueológica encontrada, se trata simplemente de un objeto de capricho? Quién sabe si algún fiero y rudo cazador no entretuvo sus ocios en la caverna, construyendo plácido y amoroso el instrumento músico que llenaria de júbilo al pequeñelo para quien fuese destinado?

Difícil foi ao mestre retomar o ritmo do trabalho. O pequenino silvo trouxera a presença do homem troglodita, caçador de bisontes e de touros primitivos, de javalis e cavalos selvagens, dobrando os dedos grossos afeitos à flecha e à azagaia pontadas de pedra, teimosa, paciente, amorosamente, furando, polindo, fazendo, numa distancia de doze mil anos, um brinquedo para o filho...

Esse simples quadro era a vida íntima, familiar e doméstica do paleolítico articulando-se à contemporaneidade por um esforço comum e banal, diário e perpetuamente nosso, de doçura comunicante, de ternura viva...

Esse Arquivo Público Estadual guarda muita informação dessa vida, não doméstica do homem setecentista ou oitocentista, mas de sua existên-

cia na comunidade administrativa, o histórico inicial e miúdo da rede reunidora, ininterrupta e poderosa de vitalidade. Por ela, podemos acompanhar a vida das unidades administrativas vizinhas, a repercussão dos atos, as sugestões, a marcha lenta do desenvolvimento econômico na área tão típica do nordeste.

O destino do Arquivo é preparar os elementos da Posteridade.

Não há palavra mais vaga nem mais ameaçadora. Parece que a Posteridade é uma dependência do nosso arbítrio e, fatalmente, sancionará as escolhas da nossa predileção. O perigo é a incoincidência, mas há a certeza que a sentença só credenciará em provas do arquivo.

Não vou dizer da Posteridade o que disse o deputado Bo Roche : *Je ne vois pas, messieurs, pourquoi on invoque la postérité dans ce débat? Qu'est ce que la postérité a jamais pour nous?* Mas a Posteridade fará sua casa com o material que juntamos no presente. Impossível é sugerir-se o modelo da construção, a planta do edifício, as cores decorativas, as graças do nosso gosto no ambiente longínquo. Sabemos apenas que o Arquivo Público Estadual de Pernambuco é um dos pontos onde a Posteridade procurará elementos de construção, a construção de seu pensamento e do seu comentário, no plano sereno da verdade, da justiça e da esperança...